

GEOGRAFIA E MEMÓRIA: A PERSISTÊNCIA DO SUDÃO COMO MARCO ESPACIAL IDENTITÁRIO

Maurício Waldman¹

O ato de nomear, de ofertar um nome a um ponto do espaço, sempre constitui iniciativa impregnada de injunções sociais, culturais e topológicas, reveladoras das interconexões que soldam inextricavelmente a relação entre o espaço e o tempo, ou dito de outro modo, da geografia com a história. No campo dos estudos geográficos, a *toponímia* - terminologia derivada do grego τόπος (*topos*: lugar) e ὄνομα (*ónoma*: nome) - refere-se ao estudo lingüístico e/ou histórico dos topônimos, os nomes dados aos lugares (OLIVEIRA, 1983:647).

Imbuída desse senso, a toponímia tem se mostrado pródiga em explicitar as acepções que grupos, povos, culturas e civilizações emprestam ao espaço habitado, uma ponderação que os geógrafos voltados ao estudo do continente africano não podem desprezar nas suas avaliações.

Neste sentido, dedicaremos algumas pontuações para o termo *Sudan* - Sudão em português - de uso muito antigo e como veremos, mantendo expressiva contemporaneidade nos dias atuais. A palavra é um dos muitos topônimos de origem árabe que fazem presença no mapa do continente. Etimologicamente, Sudão procede de *Bilad-es-Sudan* (بلاد السودان), ou seja, *País dos Negros* (PAULME, 1977:37).

No prisma geográfico, o Sudão, desde os primórdios da expansão árabe-islâmica, designa as extensões localizadas entre o Mar Vermelho a Leste e o Atlântico a Oeste, acompanhando a faixa de Savanas e de Estepes que forma um vasto corredor de 500-700 km, bordejado pelo Saara ao Norte e pela Floresta Guineana e Congolesa ao Sul².

Culturalmente, o Sudão também é uma área onde se notam influências árabes e muçulmanas, porém numa gradação diferente da que ocorre na África Setentrional. Neste quesito, o Saara impôs seu papel de “filtro”, que ao longo da história atenuou e diluiu as contribuições culturais provenientes do Magreb e do Egito, mesclando-as com inferências de índole local.

Nomeadamente, na área sudanesa o islamismo não esteve consorciado com a arabização da língua e da cultura locais³. Ainda que o árabe tenha se destacado como idioma de prestígio, as línguas autóctones não foram afetadas na sua vitalidade. Quanto à fé muçulmana, nessa parte do globo ela está incontestavelmente africanizada, se diferenciando em muitos quesitos das práticas existentes noutras regiões islâmicas (WALDMAN et SERRANO, 2007, WALDMAN, 2000 e GIORDANI, 1985:167).

No referente ao termo Sudão, o fato de ser etimologicamente alienígena não foi impeditivo da sua apropriação pelo imaginário espacial dos povos da região. Pelo contrário, junto às populações sudanesas, essa circunscrição espacial é, com efeito, entendida como uma moldura territorial legitimada por toda sorte de vínculos históricos, econômicos e culturais, que imemorialmente, uniram uma coleção de etnias entre si.

Fortemente enraizado no imaginário local africano, o vocábulo terminou assimilado pela cartografia colonial européia, que assim, mesmo que indiretamente, admitiu a existência de uma identidade geográfica para o espaço sudanês esboçada não pelos ocidentais, mas sim pelas “populações nativas”⁴.

¹ Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011) e Pós-Doutorando em Relações Internacionais (USP). Pesquisador-Bolsista da FAPESP. Colaborador do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Autor de *Memória D'África - A temática africana em sala de aula* (Cortez Editora, 2007). E-mail: www.mw.pro.br.

² Ao Sudão filia-se outro topônimo de origem árabe, *Sahel*, procedendo de *Sahil* (ساحل), costa ou fronteira. Isto devido ao fato de que se trata de um espaço tipificado, do ponto de vista orográfico e biogeográfico, como uma antessala do Saara.

³ Este quadro difere na República do Sudão, cuja elite política, centrada no Norte do país e vinculada ao mundo árabe, procurou impor um projeto de Estado arabo-muçulmano fortemente contestado pelas populações sulistas. Mas, fato geralmente esquecido, um relevante substrato africano está presente no Sudão como um todo. Mesmo os chamados árabes sudaneses possuem uma ancestralidade africana explícita e o islamismo do país, não é imune às inculturações das religiões tradicionais.

⁴ Não deixa de ser pertinente ressaltar que os topônimos *Nigritia* e *Negroland*, especialmente sinônimos de *Bilad-es-Sudan*, embora utilizados na primeira geração de mapas do continente africano para identificar o Sudão, caíram em completo desuso.

Deste modo, o topônimo Sudão passou a despontar nos mapas europeus repetindo, grosso modo, os limites territoriais estabelecidos pelo conhecimento geográfico tradicional não-europeu. Certo é que da mesma forma que muitos outros topônimos utilizados pela cartografia ocidental, os limites do Sudão oscilavam de um mapa para outro, um pouco ao gosto do cartógrafo em questão.

Contudo, a gradativa ocupação do continente pelas potências colonialistas, suscitou a individualização de muitas terminologias, de tal sorte que no Século XIX, o Sudão apresenta-se comumente delimitado pela Senegâmbia a Oeste, por uma Guiné e uma Etiópia “expandidas” ao Sul e a Leste, pela Abissínia⁵.

É praticamente desta forma que o cartógrafo norte-americano de origem escocesa Samuel Augustus Mitchell (1792-1868), a quem se deve o *Mitchell's Scholl Atlas*⁶ - por sinal um dos primeiros Atlas produzidos em série - destaca o topônimo na prancha dedicada à divisão política do continente, da forma como esta era, obviamente, entendida em meados do século XIX (Fig. 1).

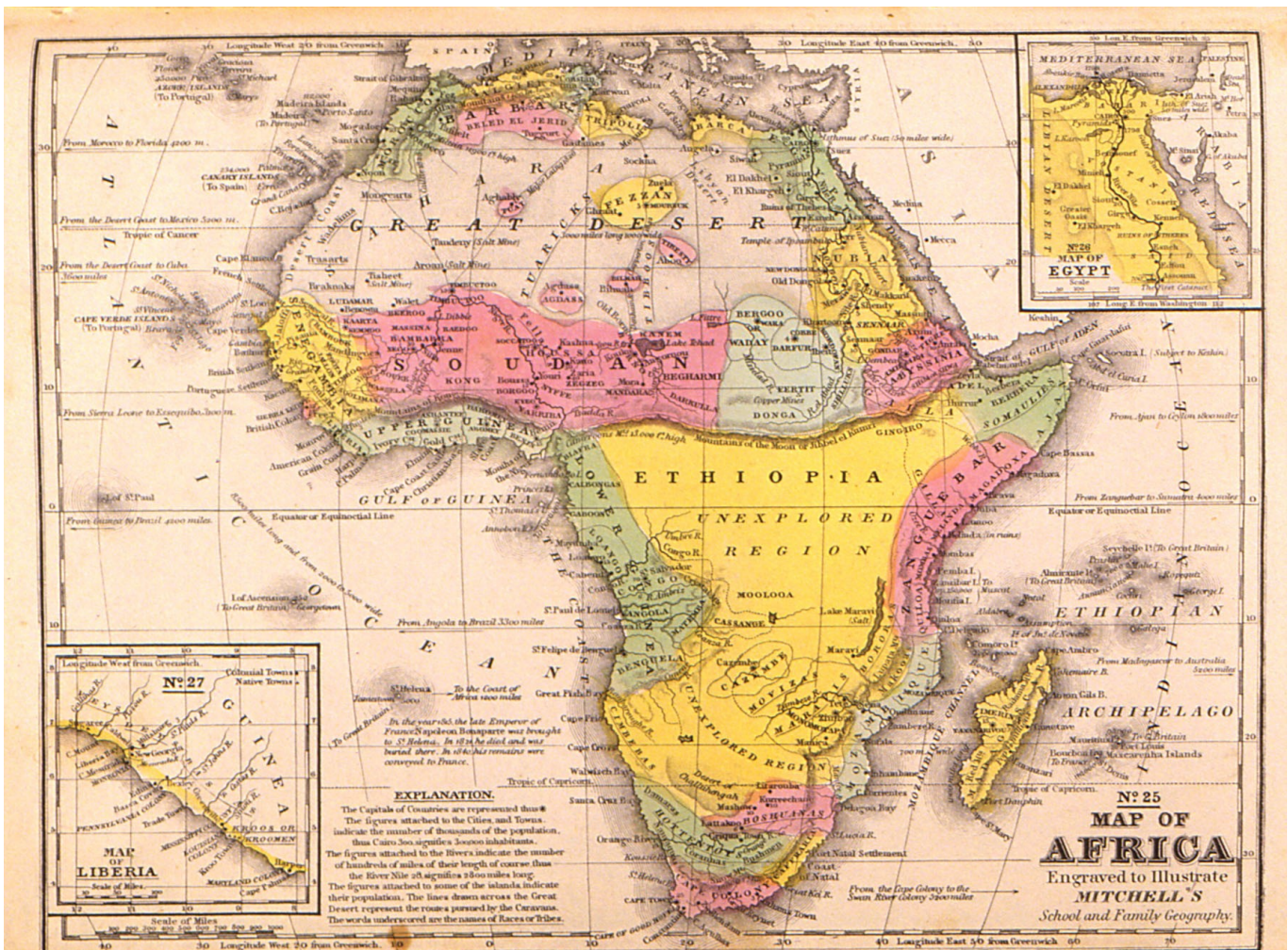


Figura 1 - Mapa do Continente Africano do *Mitchell's Scholl Atlas*, de 1857, destacando o Sudão em rosa na extensão logo após o “Grande Deserto”, o Saara. Contudo, notar que o chamado “Sudão Nilótico”, disputado pelo Egito e/ou organizado em poderes locais, está fracionado em espaços específicos (Núbia, Darfur, Wadai, Baguirmi).

⁵ Deve-se aos portugueses a universalização do termo *Guiné*, que identificava vasta região que se estendia desde o Cabo Bojador até as proximidades do Congo, ou mesmo, o incluindo em sua totalidade. Apenas mais tarde o topônimo restringiu-se às seções anteriormente conhecidas como *Alta Guiné*. Já o topônimo Etiópia, de remota antiguidade, é de origem grega, significando “rosto queimado”. Em muitos mapas, a palavra aparece virtualmente como um sinônimo de África. Somente no Século XX que se consolida o entendimento da Etiópia como um país, no caso, referindo-se à Abissínia.

⁶ Ao longo de mais de 50 anos, Samuel Mitchell, seu filho e seus sucessores foram um dos mais proeminentes editores de Atlas e mapas nos Estados Unidos, precursores da cartografia enquanto empreendimento editorial.

Atente-se que a concepção novicentista de Sudão foi amplamente disseminada junto ao público comum na forma de folhetins, relatos, biografias, matérias jornalísticas e outros produtos editoriais, reforçando a percepção da circunscrição territorial sugerida pela conceituação em voga. É assim, por exemplo, que encontramos na obra *Twenty-Eight Years a Slave, or the Story of My Life in Three Continents*, do missionário afro-americano Thomas L. Johnson, um mapa esquemático que reproduz a noção de Sudão difundida pela cartografia ocidental, basicamente a mesma estabelecida séculos atrás pelos árabes (Fig. 2).

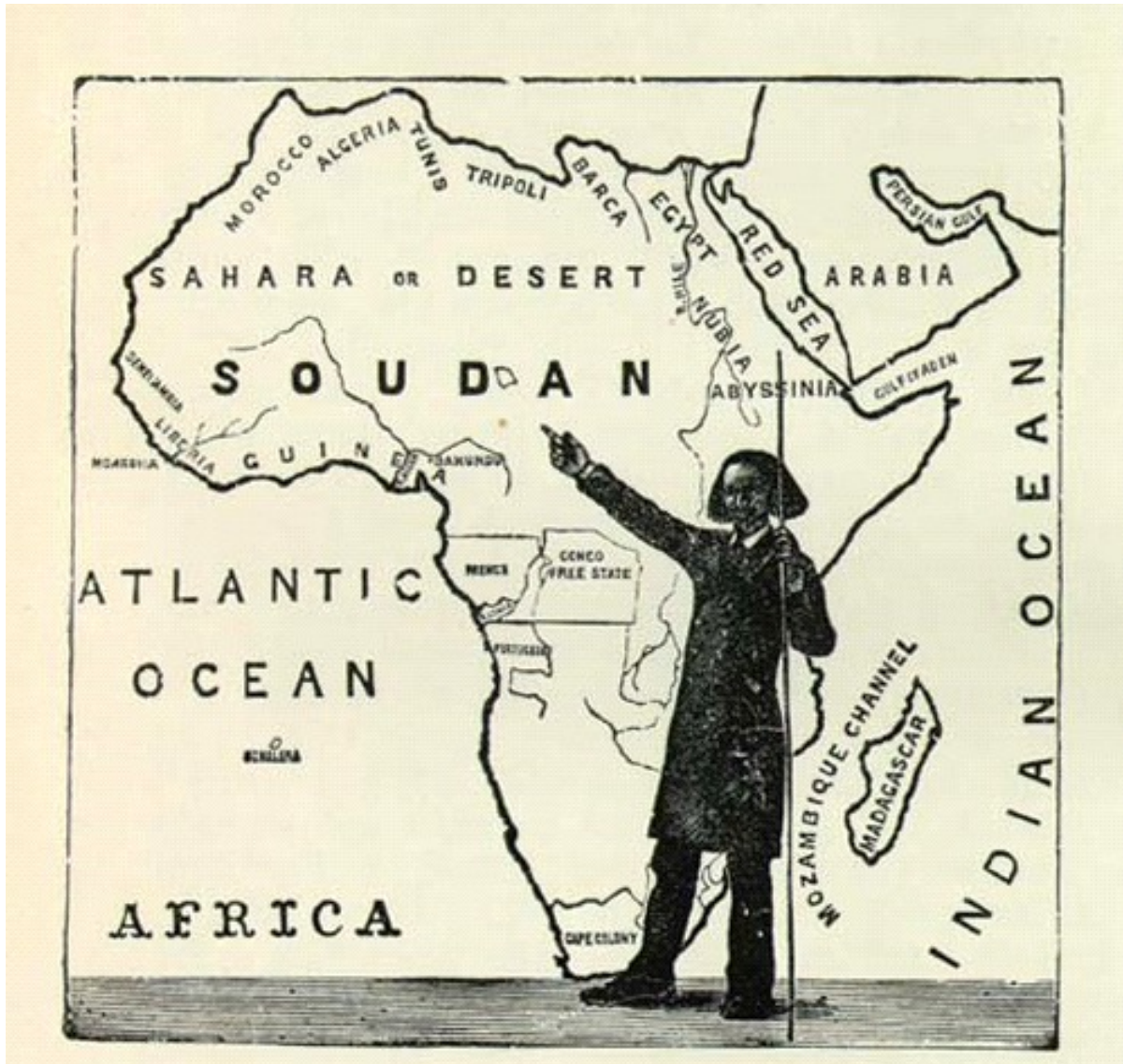


Figura 2 - O “Grande Sudão” em mapa Esquemático da África, tal como representado em *Twenty- Eight Years a Slave* (1882) de Thomas Johnson

Com base nestas aferições, importaria assinalar que Sudão, na perspectiva do conhecimento geográfico, não se restringe à atual república do Sudão, como via de regra é sugerido por um esquematismo que pontifica frequentemente no livro didático da disciplina. Foi observado, o espaço sudanês se estende de costa a costa do continente africano.

É, pois exatamente nesta linha de compreensão que o domínio europeu em África nominou um *Sudão Oriental* ou *Sudão Anglo-Egípcio*⁷, a atual República do Sudão, e um *Sudão Ocidental*, dizendo respeito a regiões dominadas pela França, daí ser também conhecido como *Sudão Francês*, terras que atualmente correspondem ao que hoje é a República do Mali.

Ademais, saliente-se que o topônimo Sudão mantém, nos dias de hoje, uma grande notoriedade entre a intelectualidade africana. Enquanto uma demarcação espacial, o espaço sudanês, aparte abrigar muitas territorialidades cientes de sua especificidade⁸, mantém-se vívido no imaginário espacial de milhões de africanos.

Recorrentemente, o topônimo é solicitado quando o tema refere-se aos laços que irmanam dezenas de etnias entre si, entendimento largamente subsidiado por elementos materializados no seio da concretude social. Enraizado na linguagem coloquial, ele mostra-se imune inclusive às eventuais interpretações que o associam a projetos autoritários e exclusivistas.

É deste modo que se torna possível compreender a razão dos povos dos territórios meridionais da República do Sudão, agora avançando rumo à independência, tenham apoiado a denominação *República do Sudão Meridional* como proposta de nome oficial para a nova nação (Fig. 3). Fato que se impõe por si mesmo, para a população do novo país, Sudão é um termo tão seu quanto de muitos outros grupos, povos e culturas da África.



Figura 3 - Em vermelho, as extensões do Sudão Meridional. Em marron escuro, a República do Sudão.

Neste sentido, não seria demasiado lembrar que a sociedade africana, ao mesmo tempo em que é e sempre foi marcadamente heterogênea, jamais abdicou de estratégias afirmadoras da sua unidade (WALDMAN et SERRANO, 2007),

⁷ Esta última denominação esclarece a respeito do poder condominial que o Reino Unido e o Egito exerceram sobre este país.

⁸ Por exemplo, no Sudão Ocidental se constata um forte sentimento regional identificando regiões como o Tekrur, o Gabú e o Futa Toro, ao passo que a tradição étnica propõe, dentre outras, um país Mandinga e uma região Haussá. No Sudão Oriental, este seria o caso de Equatoria, do Bar-al-Ghazal e do Darfur.

averbação para a qual o topônimo Sudão parece repetidamente prontificar-se como conceito capacitado a exercer o papel de marco identitário maior.

Topônimo antigo e novo, visto e revisto, pensado e repensado, o Sudão permanecerá vivo nos mapas, nas vivências e nas percepções preocupadas com espaços mais amplos de atuação.

Uma compreensão que na África, flui continuamente em paralelo com a afirmação de uma identidade que teima em se fazer presente.

BIBLIOGRAFIA

GIORDANI, Mário Curtis. *História da África Anterior aos Descobrimentos*. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes. 1985;

JOHNSON, Thomas L. *Twenty-Eight Years a Slave, or the Story of My Life in Three Continents*. Londres: Bournemouth, W. Mate & Sons Limited, Printers and Publishersn (1ª edição: 1882). 1909;

KRON, Josh. *Southern Sudan Nears a Decision on One Matter: Its New Name*. The New York Times. Edição de 23-Janeiro-2011. Acesso: http://www.nytimes.com/2011/01/24/world/africa/24sudan.html?_r=1

Mitchell's Scholl Atlas: comprising the maps and tables designed to accompany Mitchell's School and family geography. Philadelphia: H. Cowperthwait & Company, 1857;

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação IBGE. 1983;

PAULME, Denise. *As Civilizações Africanas*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1977;

WALDMAN, Maurício. *Cartografia de África: mapas, toponímia e modelos de percepção* - artigo disponibilizado a partir de Maio de 2010 no site Geocarto.org - Website de Geografia e Cartografia. Geocarto, 2010.

_____. *O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu* - artigo disponibilizado a partir de Novembro/2009 no site Geocarto.org - Website de Geografia e Cartografia. Geocarto, 2009.

_____. *Africanidade, Espaço e Tradição: a topologia do imaginário africano tradicional na fala griot de Sundjata Keita do Mali*. África - Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, São Paulo (SP), Brasil, v. 20/21, p. 219-268. 2000. Acesso: http://www.mw.pro.br/mw/antrop_africanidade_espaco_e_tradicao.pdf

_____. *Metamorfoses do Espaço Imaginário*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Depto de Antropologia da FFLCH-USP. 1997.

WALDMAN, Maurício et SERRANO, C. *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula*. São Paulo: Cortez Editora. 2007. Saiba mais: http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop_memoria_d_africa&c=a

PARA CITAR OU REPRODUZIR ESTE TEXTO, ACATAR A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA QUE SEGUE:

WALDMAN, Maurício. *Geografia e Memória: A Persistência do Sudão como Marco Espacial Identitário*. Texto de apoio elaborado para o XIII Curso de Difusão Cultural "Introdução aos Estudos de África", promovido pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA/USP), disponibilizado on line por Geocarto - Website de Geografia e Cartografia. São Paulo: CEA-USP. I Semestre de 2011.

PUBLICAÇÕES DO MESMO AUTOR RELACIONADAS COM O TEMA

MEMÓRIA D'ÁFRICA – TEMÁTICA AFRICANA EM SALA DE AULA, CORTEZ EDITORA, 2007

Saiba mais: <http://www.cortezeditora.com.br/DetalheProduto.aspx?ProdutoId=d4235ab0-d7b3-e011-955f-842b2b1656e4>

MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia English: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>